

Artigo  
Corpo Docente

**Palavras-chave**

Webjornalismo  
*breaking news*  
*blog*  
*open source*  
webdocumentário

**Keywords**

*Webjournalism*  
*breaking news*  
*blog*  
*open source*  
webdocumentary

**Biografia**

\* Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), jornalista e mestre em Múltiplos Meios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP). Professora de "Webjornalismo", na disciplina Seminários V, do curso de Jornalismo da UniBrasil e professora das disciplinas "Teoria do Conhecimento" e "Planejamento e produção editorial" no curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

# Mas o que é mesmo jornalismo?

## Reflexões sobre as polêmicas e desafios do webjornalismo

Maria Lúcia Becker\*

**Resumo**

O artigo discute algumas das mudanças pelas quais passa a concepção e a percepção do jornalismo a partir do amadurecimento da relação dos usuários com a *web*. Apresenta a hibridização dos gêneros tradicionais do jornalismo e o surgimento de novas realidades discursivas no webjornalismo como fatores de desencadeamento ou aprofundamento destas mudanças, identificando especificidades e implicações das características de quatro destes novos formatos: *breaking news*, *blog*, jornalismo *open source* e webdocumentário. Reflete ainda sobre a relação de complementaridade existente entre eles, cada um respondendo a diferentes demandas apresentadas pela sociedade.

**Abstract**

The article discusses about some of the changes through which the conception and the perception of the journalism is passing due to the ripening of the relation of the users with the web. It presents the hybridization of the traditional sorts of journalism and the sprouting of new discursive realities in the *webjournalism* as factors of unchaining or deepening of these changes, identifying specific aspects and implications of the characteristics of four of these new formats: *breaking news*, *blog*, journalism *open source* and *webdocumentary*. It also reflects about the existing complementary relation between them, each one answering to different demands presented by the society.

## Introdução

O webjornalismo constitui atualmente um dos principais fatores da introdução de importantes mudanças tanto no conceito, nos princípios e no papel do jornalismo, como no seu conteúdo, na relação com as fontes, na relação com o leitor/usuário, nas rotinas de produção e até mesmo no próprio campo jornalístico em interação com a sociedade em geral. Estas mudanças têm provocado reações de diferentes formas e intensidades entre os profissionais e os pesquisadores da área, indo desde o estranhamento absoluto e irritado de certos conteúdos “jornalísticos” que circulam na *web*, ou a identificação de problemas que estariam descaracterizando completamente a produção jornalística, até a distinção do que seria um “jornalismo tradicional”, em contraposição aos novos formatos criados pelo *webjornalismo*.

Alguns trabalhos acadêmicos e artigos de periódicos especializados colocam na categoria “tradicional” apenas o trabalho jornalístico feito para os impressos (jornais e revistas), o rádio e a TV. Outros chamam de “mídia tradicional” até os grandes portais de notícias, entendendo o formato *breaking news*, presente nestes *sites*, apenas como um desdobramento da lógica da velocidade implementada desde a consolidação da imprensa como atividade industrial – contexto em que se dá a percepção da aceleração do tempo, que agora é maximizada com a instauração da “sociedade em rede”.

Até os desenvolvimentos mais recentes do webjornalismo, os gêneros clássicos (notícia, reportagem, entrevista, opinião, crônica) predominavam no saber-fazer jornalístico

de um modo geral. Nos últimos anos, com a popularização da internet e o amadurecimento da relação dos usuários com a rede, além da imbricação e mistura de gêneros – que torna “menos nítidas as fronteiras entre fato e opinião, interesse pessoal e editorial, criando gêneros híbridos de difícil classificação, que não se encaixam linearmente na taxionomia tradicional” (GRADIM, 2002, p. 12) –, há o surgimento de formatos com novos conjuntos de propriedades discursivas, entre os quais se destacam: *breaking news*, *blogs* de jornalismo, *jornalismo open-source* e webdocumentário.

Seriam novos gêneros? Esta é uma hipótese cuja pertinência encontra-se em processo de investigação por parte desta e de muitos outros pesquisadores. Em primeiro lugar, porque, como diz Todorov (1980), os gêneros mantêm uma relação direta com os aspectos constitutivos da sociedade a que pertencem, e a chamada cibersociedade ainda não se revelou completamente constituída, muito menos deu a conhecer inequivocamente suas características. Como parte deste processo de concepção e conformação, novas realidades discursivas ou novas propriedades daquelas já em fase de consolidação continuam a emergir, cunhando perfis e conquistando seus espaços. Este é, entre outros, o caso do *podcast* – o sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros surgido no final de 2004 (no Brasil, só em 2005), perante o qual André Lemos ressalta: “a questão que sempre se coloca (com o *open journalism*, com os *blogs*, com os *softwares livres* etc.) é se estamos diante, ou não, da criação de um novo gênero de produção, de novos processos de comunicação e de publicação” (LEMONS, 2005).

Para Todorov (1980, p. 50), “o gênero é a codificação historicamente atestada de propriedades discursivas”. Analisando as concepções de Lessing, Todorov diz que há regras diferentes para cada tipo de discurso. Regras que compõem um sistema internamente coerente – “a lógica interna dos gêneros é absoluta, implacável”, diz o autor, explicando que “qualquer que seja o ponto de partida, pode-se permanecer coerente consigo mesmo; e é nisso que consiste o gênero: é a lógica das relações mútuas entre os elementos constitutivos da obra” (Ibid, p. 37). Identificar esta lógica é identificar o gênero, o que requer um tempo suficiente de conhecimento e reconhecimento da recorrência institucionalizada das propriedades discursivas na sociedade:

*[...] Os gêneros são unidades que podemos descrever sob dois pontos de vista diferentes, o da observação empírica e o da análise abstrata. Numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas, e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui. Um gênero, literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas (TODOROV, p. 48).*

No caso dos gêneros jornalísticos, a noção de sistema de gêneros como sistema aberto – indicada por Todorov, em concordância com Lessing – (Ibid, p. 36) reapparece com força: [os gêneros] “expressam uma conjuntura, não sendo estáticos, mas mutáveis”, determinados pelo modo de produção jornalística, tanto como pela cultura (GOMES, 1992, p. 16). Daí a necessidade de incessantes investigações e, principalmente, de uma atitude de abertura em relação às tipologias, considerando-as sempre em processo de (re)configuração. Divergências entre os autores indicam que ainda não

há consenso nem quanto à sistematização dos gêneros do jornalismo tradicional: “a ambigüidade torna difícil esta sistematização. Por isso, depois de percorrer a bibliografia internacional e nacional, José Marques de Melo propõe a sua própria classificação...” (GOMES, loc.cit). O que dizer, então, do recém-nascido webjornalismo?

De antemão, no entanto, é possível apontar uma série de elementos que, identificados como parte da lógica interna de alguns destes novos modos de expressão jornalística, poderão chamar a atenção para a importância de se buscar conhecer mais profundamente o jornalismo praticado na *web*. Este é o modesto objetivo do presente trabalho, que, dadas as limitações intrínsecas à condição de artigo, não se estenderá no aprofundamento de cada um dos pontos trazidos ao debate. Vale observar ainda que, na fase atual de desenvolvimento do webjornalismo, dos discursos sobre os gêneros e dos respectivos metadiscursos, o uso de termos com campo de significação mais amplo – por exemplo, “formato” – tem o objetivo de evitar equívocos e delimitações semânticas precipitadas.

## 1 *Breaking news*

Os novos formatos em geral introduzem alterações significativas na concepção e na percepção do jornalismo em vigor no decorrer dos últimos dois séculos, como se pretende discutir nos próximos pontos. Mas são as *breaking news* (as chamadas “Últimas notícias”), que, tendo a instantaneidade como valor fundamental, tornam mais visíveis as mudanças nas várias etapas da produção e veiculação da

informação jornalística. Dadas as suas características, as *breaking news* são, por excelência, a expressão maior da natureza – fundada no princípio do tempo real – da rede mundial de computadores. Daí as especificidades deste tipo de prática jornalística constituírem as lentes através das quais, via de regra, o webjornalismo é focalizado e julgado.

Presentes nos grandes portais (UOL, Terra e IG, por exemplo), as *breaking news* se distinguem pelo fluxo no chamado tempo real, com atualizações num período de tempo que varia entre um e cinco minutos, dependendo do portal; pela incorporação do horário de entrada da notícia à chamada; pela concisão da narrativa; e pela fragmentação da notícia em vários textos curtos (células informativas), cada um contendo aspectos diferentes e complementares divulgados na medida em que a informação chega ou é obtida pelo jornalista. Embora trabalhe com a metáfora do “fluxo circular ininterrupto”, a aparência de simultaneidade entre o acontecimento e a notícia apenas “cria uma ilusão de um tempo contínuo”, como explica Elias Machado:

[...] Como en la radio o en la televisión la naturaleza del soporte permite la unificación de la enunciación con la recepción de los enunciados, pero el propio proceso de producción de la noticia demuestra que el servicio de últimas noticias es esencialmente un sistema en diferido. Distinto de una noticia o reportaje en los medios impresos o electrónicos que tiene una versión final para cada presentación, en las publicaciones digitales cada noticia sufre constantes modificaciones a lo largo del ciclo de 24 horas. Al final de la jornada la primera versión que sirvió como el punto de partida de la cobertura de un hecho, quedó totalmente olvidada

da y desplazada por las sucesivas reescrituras, muchas veces desarrolladas por distintos profesionales (MACHADO, 2000, p. 301).

Sobre tal formato, cabe lembrar ainda a diferença entre a fragmentação das *breaking news* e aquela existente desde sempre no jornal, onde o texto é apresentado em forma de mosaico. Como dizia McLuhan, a forma em mosaico da paginação apresenta “a variedade e a incongruência descontínuas da vida diária”, sendo esta “exposição comunitária” de “múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano” (McLUHAN, 1999, p. 231 e 235). Ou seja, o jornal representa a atualidade fragmentada como uma unidade: os elementos/fragmentos aparecem imbricados, constituindo um conjunto finito – e é esta finitude que, determinando a fronteira entre o que faz e o que não faz parte da edição, organiza o sentido e define a relação com a “atualidade”. Já a infinitude das *breaking news* – seja no espaço, através dos *links* com outros textos e destes com outros e outros infinitamente, seja no tempo, através da atualização momento a momento da notícia – determina uma percepção que se pode chamar de absolutizada da fragmentação, dada pela permanente impossibilidade de se completar uma visão global da atualidade.

Mudança mais importante, no entanto, é o fato de as *breaking news* superdimensionarem a atualidade em detrimento das outras duas bases tradicionais do jornalismo: a realidade e a veracidade. A corrida pela instantaneidade máxima da notícia impõe a redução, ao mínimo, da imprevisibilidade, o que se busca através de uma varredura permanente de áreas, organizações/instituições e temas já programados, resultando num aumento exponencial

da previsibilidade, homogeneidade e pasteurização da notícia<sup>1</sup> quando se observa o conjunto das seções de *breaking news* publicadas simultaneamente pelos vários portais. Tudo o que extrapola o raio de cobertura (espacial/temática) previamente planejado acaba tendo presença ínfima, quando não está completamente ausente. Restringindo o número de assuntos, acontecimentos e indivíduos passíveis de presença nos noticiários, obviamente se restringe a base de realidade do jornalismo efetuado.

Da mesma forma, pode se dizer que há menos veracidade, pois a correria dificulta a checagem de informações, a consulta de diversas fontes, o questionamento das fontes, a comparação de dados etc. Falando sobre testemunhos de acontecimentos, Nilson Lage diz que é preciso “só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si. Toma-se como verdade, aí, o que é o mínimo comum aos três relatos, separando o que é fato do que é versão ou interpretação” (LAGE, 2000, p. 10). Em relação aos *experts*, Lage diz que “é conveniente ouvir mais do que um especialista e variar os especialistas que se ouvem – evitando, por exemplo, que a interpretação da matéria de direito tributário seja sempre a de um assessor de grandes empresas, do governo ou de um grupo de sindicatos” (LAGE, loc. cit.). Mas, como fazer isto se a engrenagem do tempo real esmaga a antiga

rotina de produção, eliminando muitas vezes até o tempo de dar um telefonema para checar uma informação? A regra da veiculação instantânea é “nunca deixar uma informação parada”, isto é, “divulgar o que se tem, depois buscar os detalhes, depois checar”; “não deixar um vazio de notícias na tela do usuário/leitor”<sup>2</sup> – o que invariavelmente compromete a base de veracidade do jornalismo.

Além disso, olhando o webjornalismo da perspectiva exclusiva das *breaking news*, o próprio conceito de jornalismo se revela alterado, pois, para o emissor, a notícia passa a ser apenas aquilo que pode ser rapidamente veiculado e, para o receptor, a atualização instantânea passa a ser o critério de entendimento do que deve ou não ser considerado notícia. Junta-se a isto o fato de a qualidade da produção jornalística também sofrer prejuízos em diversos níveis e aspectos, entre os quais se destacam: a) a divulgação de notícias parciais, em decorrência da pressa em divulgar o que se tem em mãos e da necessidade de aumentar o número de atualizações diárias; b) a realização de coberturas parciais, dada a impossibilidade de se fazer um exame minucioso do conjunto do material coletado, que indicaria os “buracos” no processo de apuração e/ou mostraria novas possibilidades de ampliação/redirecionamento da cobertura; c) a simples reprodução dos *releases* enviados pelas assessorias de imprensa, que facilita a edição de um maior número de atualizações, mas

<sup>1</sup> Sobre o problema da previsibilidade, cf. Silva Júnior, 2003, pp. 139-158.

<sup>2</sup> Sobre esta engrenagem do tempo real, cf. ponto “A informação instantânea” do livro *Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade* (Moretzsohn, 2002, pp. 130-133).

resulta num empobrecimento da diversificação das notícias sobre o mesmo assunto; d) o maior risco de erros, com a impossibilidade de checar dados e cotejar diferentes fontes; e) a quebra e concisão máxima do texto, na suposição de que muitos leitores não rolam as páginas, sendo necessário fazer cada célula informativa com em torno de cem palavras (MOHERDAUI, 2002, p. 121); f) a falta de contextualização e aprofundamento das informações, que exigiria maior tempo de pesquisa e maior quantidade de texto; e g) a não explicitação da linha editorial do veículo, dada a ausência de análise e opinião e o reforço da aparência de objetividade/neutralidade feito pela instantaneidade da informação.

Do ponto de vista do público, além de oferecer um quadro periódico hierarquizado do conjunto dos acontecimentos – servindo de referência na composição da percepção da atualidade por parte dos leitores/telespectadores/ouvintes/usuários –, o jornalismo deve trazer informação precisa e consistente (aferrada, avaliada, consolidada; portanto, confiável), assim como análises, contextualizações, opiniões, indicação de cenários possíveis e identificação de tendências, entre outros aspectos. Com as *breaking news*, porém, há apenas o relato apressado (dando a entender que tudo acabou de acontecer e precisa ser contado de um fôlego), desordenado (sem qualquer organização ou classificação por importância, por tema/assunto, por localização geográfica etc.) e descontextualizado dos acontecimentos, deixando ao leitor duas alternativas: acompanhar as atualizações pelo tempo suficiente para ter uma noção mínima do que está se passando e fazer por si mesmo a reflexão/análise do

conjunto das informações, ou procurar comentaristas, muitas vezes fora do campo jornalístico. As *breaking news* não deixam ao leitor a decisão sobre ler ou não a exposição detalhada da apuração, já pressupõe que ele não tem tempo e/ou vontade de fazer isso – daí a compensação desta extrema objetividade com a busca tanto de *sites* setorializados ou de fontes especializadas quanto das colunas, artigos, ou mesmo das produções carregadas de subjetividade presentes nos *blogs*, como se discutirá adiante.

Embora a publicação das notícias tendo como critério apenas a ordem de chegada das informações ofereça poucas referências para a composição de um quadro do momento, deixando o leitor meio “perdido”, a não hierarquização das informações propicia o seu contato com todo o leque de conteúdos disponíveis, não restringindo a liberdade de informação apenas aos interesses específicos imediatos. Fazendo a sua própria hierarquização das informações e construindo a sua própria narrativa, o leitor reduz a dependência em relação ao jornalista, que passa a não ser mais o único a determinar a ordem de importância na narrativa dos fatos (no interior de cada reportagem, com o formato da pirâmide invertida, assim como na apresentação do conjunto dos acontecimentos, com a edição das manchetes e chamadas). Por outro lado, sem a visualização do conjunto das matérias de uma editoria (como nas páginas espelhadas de um impresso, por exemplo), o leitor tem mais dificuldade para decidir rapidamente se uma matéria lhe é prioritária ou não, pois não pode passar os olhos pelos *leads* dos diversos textos, cotejando as informações com seus objetivos, necessidades e

afinidades temáticas. Neste ponto, vale lembrar, com Arnt (2002, p. 8), que “os recortes de realidade oferecidos pelos jornais diários; aleatórios, muitas vezes; unilaterais necessariamente; ideológicos, quase sempre; é o que de melhor se inventou, até hoje, para transmitir à população a pluralidade de informações necessárias ao gerenciamento da vida cotidiana”.

## 2 Blogs

A disseminação do uso da internet é fator de mudança não só da relação do leitor/ telespectador/ ouvinte/ usuário com a informação jornalística, mas, especialmente, da mudança da própria relação da sociedade com o jornalismo. Se entendido como a esfera de atuação dos veículos de comunicação, ou seja, das instituições que têm a informação jornalística como seu produto principal, o campo jornalístico teve os seus domínios bastante abalados com o “enredamento” da sociedade na *web*. *Sites* de empresas (de todos os setores da economia) passaram a disponibilizar diretamente para o público, entre outros conteúdos, seções de notícias atuais, dados gerais e posicionamentos da empresa, informações sobre produtos e serviços, calendários de atividades e arquivos de fotografias, áudio e vídeo. *Sites* dos governos (Federal, Estadual e Municipais) e dos demais órgãos públicos trazem todo tipo de informação diretamente para o usuário, que passa a não ter mais no jornalismo a mediação anteriormente interposta. *Sites* de instituições (desde as Federações da Indústria, do Comércio e da Agricultura até ONGs, igrejas, sindicatos e demais entidades de classe, entre outras) divulgam dados, eventos, opi-

niões, denúncias. *Sites* de profissionais liberais e especialistas das diversas áreas fornecem informações, análises, interpretações e opiniões dos mais variados temas de interesse pessoal e coletivo.

Somando-se a isto, os *blogs* fazem de qualquer pessoa que tenha acesso à Internet um potencial jornalista, escritor ou autor, uma vez que as ferramentas disponibilizadas são cada vez menos dependentes do conhecimento de linguagens de programação, estando ao alcance de toda a gente. Ao mesmo tempo, com o “jornalismo *open source*”, qualquer cidadão pode se tornar um repórter, passando a enviar matérias (se quiser, com fotos, áudio e vídeo) para *sites* que as publicam integralmente ou passando por alguma checagem e edição, como se verá no próximo ponto.

Os *blogs* constituem um formato novo e híbrido, pois misturam fatos e opiniões, representando tanto um complemento e compensação do caráter *hard* das *breaking news* quanto uma resposta à concentração e controle cada vez maior da *media* por umas poucas grandes corporações empresariais. Como explica Bruno Rodrigues (2003), o contraponto às *breaking news* se dá por meio de uma subjetividade sem culpa: “para entender o real porquê dos *blogs*, é preciso deixar o racional de lado, pondo a objetividade para escanteio e olhando para cada um destes diários *online* como tocantes demonstrações de amor pela troca de informações”. Ou seja, a noção de *blog* só pode ser entendida com o coração, “é bom perceber que neste universo, como em toda história de amor, também não há certo ou errado, apenas maneiras diversas de externar emoções - e, é claro, dividir boas informações! (RODRIGUES, 2003).

Provocação aos jornalistas? Mas o que é mesmo jornalismo? O trabalho profissional feito por jornalistas? “Não mais somente”, ou nem sempre atualmente” passaram a ser as respostas para a questão. Há *blogs* de jornalistas que deixam muito a desejar do ponto de vista do exercício do jornalismo. Muitos nem têm mesmo este objetivo, sendo apenas diários pessoais *online*, que, feitos por celebridades do mundo da *media* e hospedados no *site* do próprio veículo em que trabalham, cumprem o papel de ir ao encontro da curiosidade de muitos leitores sobre o cotidiano profissional pessoal destes jornalistas. Mas há também *blogs* de jornalismo – os chamados *blogs* profissionais –, onde o jornalista tem a liberdade de abordar aspectos que um noticioso jamais teria interesse ou espaço para publicar, seja porque o conteúdo destoa ou diverge da linha editorial do veículo, seja porque o formato da narrativa não se encaixa nos gêneros característicos do jornalismo tradicional. E há *blogs* de cidadãos que, sem a intenção de ocupar o lugar dos jornalistas, conseguem desempenhar a contento o papel de mediadores entre o acontecimento e o público.

Pode-se dizer que os *blogs* já significam uma revolução na *media*. Nos Estados Unidos, por exemplo, pesquisas indicam o avanço da conquista de espaço dos *blogs* como ferramenta informativa, em detrimento dos meios tradicionais do jornalismo: “os americanos estão deixando de ser consumidores de notícias para atuar como parceiros pró-ativos na criação de suas notícias próprias e personalizadas a cada dia. O jornalismo tradicional é apenas parte desta mistura” (ROSENSTIEL, apud EQUIPE MACWORLD, 2005). Uma pesquisa da entidade The Pew Internet & American Life

Project revela que, de 2003 para 2004, o número de leitores de *blogs* cresceu 58%, passando de 11% para 27% dos internautas norte-americanos (ROBERTS, 2005). Além disso, há a relação cada vez mais próxima do jornalismo tradicional com os *blogs*, seja por meio da utilização dos seus conteúdos como base ou fonte na realização de reportagens, seja por meio da publicação simples e direta destes conteúdos, como ocorreu com jornais do mundo inteiro por ocasião dos atentados terroristas em Londres no dia 07/07. As reportagens sobre os atentados no metrô incluíram a reprodução de relatos detalhados feitos por testemunhas em seus *blogs*, assim como de fotos, análises e opiniões de blogueiros.<sup>3</sup>

Os *blogs* de jornalismo, aqueles cuja razão de ser é o exercício do jornalismo, ainda são poucos. Mas a tendência de crescimento deste universo se verifica na medida em que ter um *site* ou *blog* não custa quase nada, enquanto a criação e manutenção de impressos (jornal, revista ...), ou de programas de rádio ou TV está fora do alcance financeiro da maioria dos profissionais e dos cidadãos em geral. Uma tendência reforçada pela popularização dos agregadores de conteúdo – *software* (como o FeedReader, o RSS Reader, ou o Newsdesk, entre outros) ou *sites* (como o Bloglines, por exemplo) que têm a função de trazer para cada leitor/usuário todas as atualizações dos *blogs* ou *sites* noticiosos por ele listados com base em sua confiança ou prefe-

<sup>3</sup> Como exemplo, cf. coluna “Pelos blogs”, inserida na reportagem de João Caminoto (“Medo, mas Londres reage com calma”), publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, em 08/07/2005, caderno Especial, p. H-3.

rência pessoal. Ou seja, uma ferramenta que deixa para trás a necessidade do portal para a orientação dos navegantes em meio ao turbilhão de informações em crescimento no interior da internet, facilitando a visibilidade dos sites e o acesso à notícia produzida segundo o ponto de vista entendido como mais razoável por parte de cada cidadão ou coletivo de cidadãos. Como explica Thenard, os *blogs* incomodam muito aqueles que tinham antes a autoridade para contar a evolução do planeta e dar-lhe o seu sentido:

*[...] O jornalismo já havia produzido um "novo jornalismo" nos anos 70, que assumia a sua parcela de subjetividade. Hoje a interatividade se junta à subjetividade. As vezes cruel quando corrige os ídolos e derruba Dan Rather, jornalista símbolo dos Estados Unidos, pego em flagrante delito de informação falsa pelos bloggers. Perigosa quando ela mesma veicula fatos que não se verificaram. Porém útil na maioria das vezes quando esclarece e retifica. Ou ainda quando evita a censura que os poderosos querem impor, sejam eles quem forem. Não foi por acaso que os bloggers se expandiram com a guerra do Iraque, que viu o primeiro império do mundo tentar ditar o seu modo de ver. Graças a eles, agora não basta mais controlar os meios de comunicação para escapar das verdades do momento ... (THENARD, 2004).*

Reunindo características dos veículos impressos (texto, memória) e do rádio (imediatez, linguagem coloquial), às quais se acrescenta a interatividade, potencialmente os *blogs* constituem uma alternativa de viabilização de um jornalismo livre do controle dos atores hegemônicos da política e da economia. Isto, porém, desde que supere dois desafios aparentemente contraditórios: a conquista de

credibilidade e a manutenção de sua especificidade ou identidade. A credibilidade pode vir como resultado da seriedade e responsabilidade expressadas pelo exercício da opinião fundamentada em fatos, pela divulgação da identidade do autor (o uso de pseudônimos amplia a liberdade na mesma proporção em que diminui a autoridade) e pela referência às fontes – de preferência através de *links*, que podem ser verificados no ato. Não que estas devam ser as regras de funcionamento dos *blogs*, que, aliás, não têm regras, nem regulamentações, e aí é que reside a sua especificidade, base de sua identidade. Este é, portanto, o desafio: a responsabilidade não em respeito à lei, mas como um valor intrínseco e imprescindível. Afinal de contas, pode-se fazer jornalismo sem todas as regras tradicionais desta prática profissional, mas não sem todos os seus princípios e valores.

### 3 Open-source

Se os *blogs* possibilitaram a todos os usuários da *web* ser um pouco jornalistas, escritores, autores enfim, o chamado jornalismo “fonte aberta”, *open journalism*, ou jornalismo “colaborativo”, num movimento convergente, favorece a consolidação da tendência. Seguindo a chamada filosofia *open source*, desenvolvida no contexto do movimento pelo *software* livre – em que os programas de computadores são criados coletivamente, mantendo-se abertos os seus códigos-fonte, de forma que toda a comunidade pode aperfeiçoá-los, modificá-los, ou recriá-los de acordo com as suas necessidades ou interesses –, no jornalismo colaborativo a elaboração (e publicação) das notícias é de domínio público.

Como no caso do *software*, fonte-aberta não significa necessariamente gratuidade (tanto há *software* fonte-aberta sendo comercializados como há cidadãos-repórteres remunerados pelo seu trabalho – a exemplo do OhmyNews, como se verá adiante) e sim abertura de participação, quebra de monopólio. No caso do jornalismo, os códigos-fonte são as ferramentas de publicação, que, com os avanços da telemática, tornaram-se abertas/acessíveis a todos os usuários de internet. Já o aspecto polêmico da empreitada, tanto quanto no caso dos *blogs*, fica por conta do uso do nome de jornalismo para designar uma prática aberta a qualquer pessoa.

Pioneiro nesta nova forma de expressão do jornalismo, o *site* OhmyNews – criado por quatro jornalistas da Coréia do Sul, em fevereiro de 2000, com o slogan “cada cidadão é um repórter” – toma uma série de cuidados na tentativa de oferecer algumas garantias quanto à veracidade e correção das notícias veiculadas. Por ocasião do lançamento do OhmyNews International (OMNI), em junho de 2004, o mundo pode conhecer melhor o sistema de envio de artigos e controle do trabalho de cada cidadão-repórter, que, segundo Ana Maria Brambilla (2005), consiste em: a) cadastro detalhado, exigindo até a cópia do passaporte, carteira de habilitação ou identidade local – documentos que devem ser enviados via fax ou correio; b) avaliação do pedido de admissão como cidadão-repórter pela coordenação do projeto; c) emissão da autorização, permitindo a submissão de artigos acompanhados por arquivos de fotos, áudio e vídeo; d) revisão e checagem

dos dados de cada notícia ou artigo por parte de dois editores; e) reelaboração dos textos vindos de todas as partes do mundo num inglês compatível com a linguagem jornalística padrão; f) repasse de informação ao autor sobre o *status* de cada trabalho, o número de acessos e comentários dedicados às suas matérias, as mensagens recebidas através do *site* e o “cybercash” ganho com as publicações. Em síntese, para ter matérias publicadas no OhmyNews, é preciso: concordar com o código de ética do *site*; explicar como fez o trabalho (se apenas cruzou dados publicados por outros veículos, se apurou pessoalmente as informações e se o material já foi publicado); fazer a citação exata das declarações das fontes; não incluir declarações falsas ou difamações; não usar suposições como base para notícias; apurar informações apenas por meios lícitos; e desculpar-se publicamente quando alguma informação incorreta for publicada (BRAMBILLA, 2005).

Já no Indymedia – *site* criado em 1999, para realizar uma cobertura alternativa dos protestos em Seattle contra o “Encontro do Milênio”, da Organização Mundial do Comércio (OMC) –, as garantias de veracidade e correção ficam por conta do controle da comunidade, que, quando identifica uma falsa informação, corrige imediatamente o problema ou alerta os futuros leitores sobre aquela incorreção. Com presença em mais de 30 países, o Indymedia (no Brasil, Centro de Mídia Independente) incentiva várias formas de participação dos cidadãos: publicação eventual de artigos; realização de reportagens investigativas e cobertura de eventos, o que exige a

vinculação a um “coletivo editorial”;<sup>4</sup> publicação de notícias ou declarações pessoais; e traduções das contribuições enviadas. A publicação de textos, sons, vídeos e fotos é automática, sendo o material disponibilizado para os usuários sem qualquer checagem ou edição, desde que esteja de acordo com os princípios e valores do CMI (convergentes com o objetivo de construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente).

Estes dois exemplos (e muitos outros podem ser citados, como o [www.slashdot.com](http://www.slashdot.com) ; a agência de notícias Capão online - [www.agenciacapao.sampa.org](http://www.agenciacapao.sampa.org) , do bairro Capão Redondo, em São Paulo; o [www.parla.blaz.com.br/](http://www.parla.blaz.com.br/) etc.) revelam um certo mal-estar do jornalismo na sua relação com a cidadania: na dificuldade de uma atuação satisfatória dos repórteres-cidadãos, os próprios jornalistas criam o papel de cidadão-repórter, a ser desempenhado por qualquer pessoa da sociedade. De todo modo, com seus pontos positivos e negativos, trata-se de um novo formato, com presença inegável na lista de fatores desencadeadores de mudanças significativas no *modus faciendi* do jornalismo neste século XXI. Mudanças profundas, que estruturam as bases do que pode ser chamado mesmo de uma práxis transformadora, na medida em que, ao modificar a sociedade (nas suas concepções e ações relacionadas com a informação e o jornalismo), modifica o próprio cerne de uma

atividade profissional consolidada no decorrer de quase dois séculos de ocupação de um espaço bem definido na sociedade como campo autônomo de produção discursiva.

#### 4 Webdocumentário

Diante das limitações reveladas pelas *breaking news* (com sua fragmentação, concisão, perda das informações no fluxo contínuo, não composição de um quadro completo do tema ou assunto ...), pelos *blogs* (com seu caráter particular, alheio às regras do jornalismo, misturando fato e opinião ...) e pelo jornalismo *open source* (com a incorporação da produção de amadores ...), pode-se dizer que o webdocumentário adquire, dadas as suas características, um significado de contraponto ou compensação dentro do webjornalismo. Em primeiro lugar, porque se realiza na busca de totalização, por meio de uma exploração o mais exaustiva possível do seu objeto (acontecimento, tema, evento, ou personagem). Isto demonstra que, para o webdocumentário, o controle incide muito mais sobre a qualidade da produção do que sobre a sua quantidade (de textos, de palavras em cada texto, de recursos multimídia utilizados etc.), não se colocando o problema da extensão, a não ser com o objetivo de aproveitamento máximo da possibilidade de espaço ilimitado oferecida pela *web*. Para tanto, o profissionalismo no exercício desta atividade jornalística torna-se imprescindível, quanto mais porque, apesar do entendimento de alguns autores de que “o documentário constrói um enunciado fictício, tendo sua narrativa baseada em uma seleção de fragmentos de realidade”, o gênero acabou se consolidando “como sinônimo de seriedade, objetividade e compromisso com a verdade” (RIBAS, 2003, p. 108).

<sup>4</sup> Existem coletivos editoriais e de difusão do CMI no Brasil nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Caxias do Sul, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo (cf. <http://www.midiaindependente.org/pt/>).

Juntando-se a estas especificidades, na contramão da efemeridade máxima conseguida pelas *breaking news*, uma das mudanças na concepção de jornalismo favorecidas pelo webdocumentário diz respeito exatamente à constituição de memória: com a disponibilização de arquivos, a informação jornalística ganha um caráter não perecível. Como explica Arnt (2002, p. 5), “às funções de informar, divertir e educar acrescenta-se mais uma ao jornalismo, a de documentação e de preservação da memória dos relatos cotidianos e ‘insignificantes’ da sociedade”. É neste contexto que se inserem, além dos arquivos, a publicação de “especiais” – seja por meio da simples compilação de material já publicado, seja através da produção de verdadeiras reportagens especiais – e o desenvolvimento do formato “webdocumentário”.

Compostos, via de regra, por textos, áudios, vídeos e imagens estáticas, os documentários produzidos para a *web* propiciam ao usuário a construção de sua própria narrativa, uma vez que, neles, a estrutura associativa formada pelas diversas micronarrativas conectadas por *links* tem o objetivo de servir apenas como indicativo de um trajeto. De acordo com Ribas (2003), a construção das páginas através das micronarrativas, que se articulam dentro da totalidade do documentário, oferece a possibilidade de um aprofundamento nível a nível por meio da movimentação do usuário:

[...] *Desmaterializados os registros, que vão desde uma matéria antiga de jornal recuperada, até depoimentos captados em vídeo e áudio, o web documentário organiza as informações de ma-*

*neira a oferecer níveis de aprofundamento e interatividade ao receptor, sem a predominância de um formato sobre outro. Junto a isso, a convergência de formatos e a capacidade praticamente ilimitada de armazenamento de dados facilmente recuperáveis conferem a distinção entre um web documentário e um documentário produzido para vídeo, cinema ou televisão.*

Ao final de sua produção, um documentário nos suportes tradicionais “morre”. Seu tempo de vida é o tempo de exibição. Diferente disso, o *web* documentário é “vivo” e está em constante modificação, configurando-se como uma obra aberta construída no tempo dos acontecimentos, pelo autor e pelo receptor (RIBAS, 2003, p.110-111).

Assim, se as *breaking news* são a expressão máxima da lógica da velocidade que estrutura a vida no interior das redes, é o webdocumentário, no entanto, que reflete todas as potencialidades oferecidas pela internet ao jornalismo. Das seis características potenciais do jornalismo na *web* apresentadas por Palácios (2003, p. 17-20), cinco podem ser identificadas no webdocumentário: a) a multimídia ou convergência da *media*, representada pela presença de texto, imagem e som; b) a interatividade, identificada na construção da narrativa por parte do usuário através das opções feitas durante a navegação, assim como na participação por *e-mail*, *chats* e fóruns; c) a hipertextualidade, expressada na interconexão de textos (escritos, sons, vídeos, animações, fotos) através de *links*; d) a memória, presente por meio da compilação, digitalização e disponibilização em caráter permanente de dados coletados em distintos períodos de tempo, incluindo-se o atual; e e)

a atualização contínua, propiciada pela flexibilidade dos documentos digitalizados, que admitem o acréscimo, a reformatação, ou a recriação das possibilidades associativas entre as diversas micronarrativas a cada novo conteúdo integrado aos anteriores – o que pode ocorrer tanto por meio da inserção de mais *links* por parte do autor do webdocumentário quanto através da interatividade dos usuários pelos *chats* ou *e-mails* disponibilizados. A personalização do conteúdo é a única característica ausente, pois não faz sentido querer configurar (da mesma forma como se faz com os produtos jornalísticos em um portal, por exemplo) a apresentação dos conteúdos de um webdocumentário de acordo com os interesses pessoais do usuário.

### Considerações finais

A partir destes apontamentos e reflexões, é importante observar, primeiramente, que não se pode tomar o todo pela parte, ou seja, webjornalismo não é apenas *breaking news*. Como se discutiu aqui, as limitações destas são compensadas pelos demais tipos de narrativas – novos e clássicos –, com presença farta e importante na *web*; até porque nem todas as pessoas têm pressa o tempo todo, fato que não precisa de pesquisa para ser verificado, basta que cada um observe a própria atitude durante o conjunto de seções de navegação em que se vê enredado no dia a dia.

Em segundo lugar, *blogs* e jornalismo *open-source* vão ocupando um espaço que, de qualquer forma, não seria mesmo ocupado pelo

jornalismo tradicional, entre outros fatores porque são respostas não somente a algumas características do gênero *breaking news*, mas principalmente representam uma reação à concentração da *media* em poucas mãos, ao crescimento exponencial da quantidade de informação – que leva à busca de uma outra qualidade na relação com a notícia – e ao enfraquecimento da relação direta entre jornalismo e exercício da cidadania que vigorou durante todo o período da modernidade. Mas isto não tira espaço da atividade jornalística, apenas demonstra a emergência, na sociedade, de uma demanda diferente e maior em relação àquela que o jornalismo pode e deve atender.

Terceiro: a quebra da primazia do jornalista no trato da informação conduz a um acesso mais direto e universalizado às fontes de informação. Por outro lado, elimina-se a seleção e a organização da informação (além da interpretação), funções cada vez mais fortemente requisitadas dos jornalistas. No caso da função de *gatekeeper*, um estudo citado por Elizabete Barbosa diz que a maioria dos 66 jornalistas e editores entrevistados considera a função de “guarda do portão” como vital no ambiente *online*, mas modificada: “uma das principais conclusões deste trabalho é o fato de os jornalistas já não se considerarem como selecionadores do que é ou não notícia, mas como intérpretes e controladores da qualidade do que é publicado” (BARBOSA, p. 4). O que vai ao encontro da necessidade de construção de referências que garantam a confiabilidade requerida, cada vez mais, pelos leitores/usuários do webjornalismo. ■

## Referências Bibliográficas

- ARNT, Héris. “Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais”. In *Anais do XXV Congresso Anual em Ciências da Comunicação*. Salvador/BA, 04 e 05. setembro, 2002.
- BARBOSA, Elizabete. “Jornalistas e público: novas funções no ambiente online”. In *AgoraNet # 2*. Disponível em <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/> Acesso em 23 mar 2005.
- BRAMBILLA, Ana Maria. “OhmyNews, exemplo de jornalismo open source”. In *Webinsider*, 23/04/2005. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/id/2422>. Acesso em: 06 Jun. 2005.
- EQUIPE MACWORLD. “Blogs roubam audiência do jornalismo”. In *IDG Now*, 14/03/2005. Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/AdPortalv5/>. Acesso em: 18 Mai. 2005.
- GOMES, Pedro Gilberto. “Artigo”. In MELO, José Marques (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992, pp. 15-46.
- GRADIM, Anabela. “Os gêneros e a convergência: o jornalista multimídia do século XXI”. In *AgoraNet # 2*. Disponível em <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/pdfs2/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>. Acesso em 19 mar 2005.
- LAGE, Nilson. “Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teoria”. In *Anais do X Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS*. 2000.
- LEMONS, André. “Podcast. Emissão sonora, futuro do rádio e da cibercultura”. In *404nOtf0und*. ANO 5, VOL 1, N.º 46, junho, 2005. Disponível em [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404\\_46.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_46.htm) Acesso em 12/Jul/2005.
- MACHADO, Elias Gonçalves. *La estructura de la noticia en las redes digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*. Tesis (Doctorado en Periodismo y Ciencias de la Comunicación). Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. – São Paulo: Cultrix, 1999, 11.ª edição.
- MOHERDAU, Luciana. *Guia de estilo web: produção e edição de notícias on-line*. São Paulo: Editora Senac SP, 2002.
- MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- PALÁCIOS, Marcos. “Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória”. In MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos (Org.) *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra: 2003, pp.13-36.
- RIBAS, Beatriz. “Contribuições para a definição do conceito de web documentário”. In MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos (Org.) *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra: 2003, pp. 101-120.
- ROBERTS, Paul. “Uso de blogs cresce 58% nos Estados Unidos”. In *IDG Now*, 03/01/2005. Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/AdPortalv5/> Acesso em: 18 Mai. 2005.
- RODRIGUES, Bruno. “Para quem não entende os blogs”. In *Webinsider*, edição de 18/02/2003. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/id/1616> Acesso em: 18 Mai. 2005.
- SILVA JÚNIOR, José Afonso. “Déjà-vu onipresente: repetição, previsibilidade e homogeneidade nas agências de notícias on-line brasileiras”. In MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos (Org.) *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra: 2003, pp. 139-158.
- THENARD, Jean-Michel. “Perturbadores”. In *CepatInforma*, Ano XI, N.º 122, Junho de 2005. Curitiba: Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, 2005. Transcrito e traduzido de artigo feito para o Libération, publicado em 11/12/2004.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. – São Paulo: Martins Fontes, 1980.